
HOUVE UMA VEZ UM VERÃO: releituras com a noção de rede de conhecimentos de Nilda Alves

Marcos Reigota^(*)

No final do primeiro semestre de 1983 eu estava matriculado no programa de Pós-graduação em História e Filosofia da educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e preste a abandonar o curso por não me encontrar na corrente hegemônica que se formava ali e que teve grande influência no Brasil nos anos seguintes.

Essa corrente hegemônica se aglutinava em torno de Demerval Saviani, que havia publicado recentemente *Escola e Democracia* (SAVIANI, 1983) na qual faz críticas contundentes à pedagogia freireana.

Minha opção por cursar o mestrado na PUC-SP foi justamente por ter a oportunidade de estudar com Paulo Freire. As leituras que eu tinha na época da pedagogia freireana estavam relacionadas com os movimentos contraculturais e antitotalitários, movimentos esses que faziam críticas radicais à educação escolar, como dispositivo de controle e de obediência. Atraía-me particularmente a experiência africana de Paulo Freire (FREIRE, 1977) e a sua intensa participação pública e acadêmica nos debates sobre a redemocratização do Brasil (SANTOS; VANUCCHI; FREIRE, 1983).

Vários dos meus colegas que cursavam a disciplina de Paulo Freire militavam em movimentos sociais diversos e eram próximos da Teologia da Libertação (REIGOTA, no prelo).

Ao mesmo tempo em que eu fazia o mestrado era professor numa escola fundamental experimental nas imediações da Vila Madalena em São Paulo. Fui contratado por essa escola, em 1982, depois de ter perdido minhas aulas, por insubordinação, num colégio público renomado em Pinheiros, na mesma cidade.

Tanto a Vila Madalena, como Pinheiros, na época, eram bairros onde se aglutinavam os intelectuais, músicos e estudantes de esquerda e do movimento contracultural paulista que tinha no

^(*)Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Pesquisador do CNPq-nível 2. Doutor pela Universidade Católica de Louvain. Pós-doutorado pela Universidade de Genebra. Líder do grupo de pesquisa “Perspectiva Ecologista de Educação”.

Teatro Lira Paulistana, um dos seus principais pontos de encontro, de debates e de difusão das diversas estéticas e possibilidades de intervenções culturais e políticas não partidárias.

Paralelo às minhas atividades de professor, militante ecologista e mestrando na PUC-SP eu fazia um curso de roteiro e produção cinematográfica com Denoy de Oliveira e participava da equipe de produção de um curta-metragem de uma estudante de cinema na Universidade de São Paulo. Eu pretendia apresentar a minha dissertação na PUC-SP no formato de um curta-metragem sobre as práticas pedagógicas cotidianas relacionadas com o meio ambiente.

No final do primeiro semestre de 1983 eu perdi o emprego na escola experimental, o curta-metragem do qual participava foi interrompido (e nunca concluído) e as disputas das correntes teóricas na PUC-SP (Demerval Saviani x Paulo Freire) tornavam aquele ambiente muito pesado e dele eu queria me afastar. Sem falar que nesse contexto dificilmente eu poderia apresentar uma dissertação como eu imaginava, tanto na forma quanto no conteúdo. Pensei em abandonar o mestrado, a educação escolar e “pegar aquele velho navio”¹.

Fui falar sobre minhas inquietações com a coordenadora do mestrado, a professora Maria Luisa Santos Ribeiro, que me sugeriu ir para o Rio de Janeiro, fazer um semestre na UFF, antes de me decidir por abandonar o mestrado e a educação.

Ela me disse que na UFF havia um grupo de professores muito bom, entre eles, o Luiz Antonio Cunha, a Vanilda Paiva, a Regina Leite Garcia e uma professora que eu iria gostar muito de conhecer. Essa professora era a Nilda Alves.

Em vez do vapor barato, peguei o ônibus e fui para o “Rio de Janeiro ver o *scratch* brasileiro jogar”².

Chegando ao Rio de Janeiro me encontrei com amigos paulistas que moravam na cidade. Entre eles havia vários músicos que acompanhavam artistas muito conhecidos na época. Fui morar no quarto de empregada de um apartamento em Laranjeiras, onde uma amiga morava com mais outras três mulheres. Minha amiga Maria Auxiliadora (Dola) Zan, cantava nos bares da Zona Sul e participava nos vocais dos discos do Gonzaguinha como no clássico “Coisa mais maior de grande”.

Estávamos vivendo os últimos momentos da ditadura militar e o Rio de Janeiro explodia com shows do Barão Vermelho, Camisa de Vênus e Blitz no Circo Voador. Havia muitas festas, encontros na praia, nos bares e na casa dos amigos.

¹ Vapor barato – Macalé/Wally Salomão.

² Cala a boca, Zebedeu – Sérgio Sampaio.

Mas eu estava no Rio de Janeiro para estudar. Peguei a barca para Niterói e cheguei à UFF. Fazia muito calor e eu continuava vestido como um paulista. Mantinha a ausência de bronzeado, além do sotaque inconfundível. Mesmo se eu quisesse passar discretamente pela UFF isso não seria possível e logo fui notado pelos colegas, pelos funcionários e pela professora Nilda.

Fui muito bem recebido por todos e entre os meus colegas que se tornaram meus amigos, estavam o Dácio Tavares Lobo Junior, o Armando Martins de Barros, a Lúcia da Cruz Almeida (que me presenteou um exemplar da primeira edição do *Escola e democracia*) e a Ângela Câmara Araújo (com quem eu pegava a barca de volta para o Rio e que me deu informações fundamentais para que eu conseguisse ser admitido ao doutorado na Universidade Católica de Louvain).

No primeiro dia de aula com a Nilda eu levei um susto quando ela distribuiu a lista dos textos que iríamos ler. Nela se encontrava *Escola e democracia* do Demerval Saviani...

Numa das aulas fiz algum comentário contrapondo a música de Bach com a de Pixinguinha (marcando a importância do segundo em relação ao primeiro, já que Pixinguinha era do povo e Bach da burguesia). A Nilda respondeu que na escola que ela pensava havia lugar para os dois, o erudito e clássico de Bach e o erudito e popular de Pixinguinha.

Em outro momento quando ela enfatizava (apoiada no Saviani) a importância dos conteúdos construídos historicamente, me lembro que fiz uma observação apoiado na música “Coisas do mundo, minha nêga” do Paulinho da Viola cantarolando “as coisas estão no mundo/só que eu preciso aprender”. Nilda respondeu dizendo que adorava essa música, na interpretação da Nara Leão.

Eu localizava o pensamento pedagógico da Nilda próximo da corrente savianista, e isso era reforçado pelas conversas que tinha com os meus colegas. Eu havia deixado a PUC-SP justamente para me distanciar da influência da “curvatura da vara” (SAVIANI, 1983) e não esperava por isso. Mas morar no Rio de Janeiro e estudar na UFF estava sendo uma experiência muito rica e provocadora, o que me dava energia para me posicionar, contra-argumentar e principalmente enfatizar, apurar e aprofundar os meus argumentos freireanos e libertários.

Durante uma das aulas, a Nilda me chamou para sentar ao lado dela e todos brincaram comigo dizendo que eu tinha me tornado “o aluno preferido da professora”. Sentei-me à sua esquerda.

Passamos a pegar juntos a barca de volta da UFF ao Rio de Janeiro e nos descobrimos vizinhos (na época a Nilda morava no Flamengo).

Ela realizava uma pesquisa sobre livros didáticos na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil cuja sede era no prédio do antigo Ministério da Educação e “enquanto corria a barca”³ me convidou para participar da pesquisa, como seu assistente. Aceitei. Trabalhar naquele prédio modernista ao lado da Nilda era algo que eu nunca havia imaginado. Algumas vezes aproveitava os shows a preços populares nos teatros do centro do Rio de Janeiro e pude assistir Eliete Negreiros, Elza Soares, Marlene, Boca Livre, Sivuca, Tetê Espindola, Angela Ro Ro e tantos outros artistas de renome.

Passei a frequentar a sua casa e conheci a sua família, amigos e amigas. Nas nossas conversas ela me contava sobre a sua estadia em Paris quando realizou o doutorado na Paris V, sobre sua formação em geografia, sobre sua militância política e dos seus companheiros e companheiras de geração e como ela via o Brasil com o final da ditadura militar.

Ela tinha esperanças (talvez a palavra mais adequada aqui seja paciência) e eu pensava que ela era politicamente, no contexto político do Brasil da época, muito moderada. Apesar de eu nunca ter me filiado a nenhum partido, estava bastante envolvido e próximo das tendências mais radicais do Partido dos Trabalhadores e militava por Caterina Koltai, Luiza Erundina e Lula em São Paulo.

Conversávamos sobre cinema, literatura, artes plásticas, música e artistas de nossa preferência comum. Eu lhe contava sobre o ambiente contracultural e político do qual participava em São Paulo e como era a vida no velho oeste de onde eu vinha.

No meio de todas essas conversas ela não cansava de repetir que eu não podia abandonar o mestrado (e a educação) e que deveria ir fazer o doutorado no exterior.

Em um dos meus livros, relato o que foi meu encontro com as duas perspectivas teóricas (saviano e freireana) na PUC-SP e com os professores e teóricos que marcaram a educação brasileira no combate à ditadura e no processo de redemocratização do país (REIGOTA, 2011). Faço menção ao papel da Nilda nesse contexto, inclusive como observei o afastamento dela da pedagogia histórico-crítica dos conteúdos, mas não tive a oportunidade na ocasião (a primeira edição do livro é de 1999) de expor como eu observava a construção do seu próprio pensamento pedagógico enfatizando o cotidiano escolar e com ele a elaboração da noção de rede de conhecimentos.

Não são poucos os textos em que Nilda Alves explicita a noção de rede de conhecimentos, mas creio ser possível afirmar que esta noção começa a aparecer em artigos e livros no final dos

³ Preta pretinha- Moraes Moreira/Luiz Galvão

anos 1990 e salvo engano de minha parte o primeiro artigo foi o “Tecer conhecimento em rede” (ALVES, 1999), publicado no livro *O sentido da escola* (ALVES; GARCIA, 1999) que ela organizou com Regina Leite Garcia e que tem entre os autores, além delas, Silvio Gallo, Carlos Eduardo Ferraço e Edgar Morin.

O livro e a coleção *O sentido da escola* surgem num momento importante como alternativa de um grupo de pesquisadores e pesquisadoras, liderados por Nilda Alves e Regina Leite Garcia, à unificação curricular pretendida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

A mesma noção de rede de conhecimentos aparece ampliada, anteriormente, no seu livro publicado com o título *Trajetórias e redes na formação dos professores* (ALVES, 1998).

O processo de elaboração dessa noção, o contexto político e teórico no Brasil e no exterior do qual Nilda participou é, evidentemente, anterior ao processo de difusão pública através de textos. Mas esse processo e os textos que seguiram (ALVES, 2000a; ALVES, 2000b; ALVES, 2001a; ALVES 2001b; ALVES; OLIVEIRA, 2001; ALVES, 2002a; ALVES, 2002b; ALVES, 2004; ALVES; OLIVEIRA, 2006; ALVES, 2010a; ALVES, 2010b; ALVES; SOARES, 2011) marcam efetivamente o seu distanciamento da linha pedagógica savianista na qual eu a encontrei naquele verão de 1983.

Marcam também a afirmação de outras possibilidades teóricas e políticas tendo o cotidiano escolar como foco principal e o enfrentamento público severo das críticas que recebeu de seus colegas de geração e que responde em alguns textos, tais como “A pesquisa e a criação de conhecimento na pós-graduação em educação no Brasil”, em coautoria com Inês Barbosa de Oliveira (ALVES; OLIVEIRA, 2006), e de forma mais contundente em “A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação” (ALVES, 2010b).

Outro momento importante na trajetória da Nilda e no processo de elaboração da noção de rede de conhecimentos que considero ser necessário enfatizar é que sua elaboração conceitual e consequente difusão pública, marcada pela sua aposentadoria na UFF e a sua posterior entrada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

Essa movimentação institucional torna pública, mais uma vez, a sua constante parceria com Regina Leite Garcia e a entrada em cena de Inês Barbosa de Oliveira como uma de suas principais colaboradoras da geração seguinte.

O novo ambiente de trabalho na Uerj, assim como o contexto acadêmico político, cultural e educacional no Brasil já tinha condições de acolher, ainda com muitas reservas, os estudos sobre

cotidiano escolar e a contribuição da Nilda é inquestionável nesse processo de legitimação e reconhecimento da temática pela comunidade científica educacional brasileira.

Para a elaboração desse artigo procurei reler os textos acima citados, e me deter em um, inexplicavelmente inédito, que é a tese que Nilda apresentou como requisito ao concurso de professor titular na Uerj com o título de *A aula: redes de práticas. Os processos cotidianos de ensinar e aprender* (ALVES, 2000b).

Nessa tese a Nilda define o que entende por rede de conhecimentos em diferentes passagens e evidencia as fontes teóricas em que se apoia.

Procurei selecionar algumas dessas passagens que, creio, auxiliam na compreensão do seu desenvolvimento teórico e presença no cotidiano escolar. Na citação que segue, ela enfatiza o cotidiano e o chamado conhecimento de senso comum e como ambos são (ou têm sido) menosprezados. Diz ela que:

Tecer conhecimento em rede, no entanto, é a forma possível para indicar como, sempre, o conhecimento foi criado nos contextos cotidianos do viver humano, mesmo quando para se fazerem, a ciência e o poder econômico precisaram dizer que essa forma de criar conhecimentos era inferior e que os conhecimentos práticos que criavam só existiram enquanto não fossem superados pelo de poder. Esses conhecimentos práticos/de uso receberam a denominação genérica de senso comum, não se reconhecendo neles a sua diversidade, multiplicidade e complexidade, nem as possibilidades de mudança, em alguns casos, e de sua persistência, em outros. Hoje, creio que já podemos concordar com o fato de que essa denominação é insuficiente para descrever e falar de todos os conhecimentos cotidianos. (ALVES, 2000b, p. 30).

Sem perder o foco do cotidiano escolar para a elaboração de sua noção, na citação abaixo, Nilda enfatiza as dimensões subjetivas da rede de cada um nesse contexto, apontando para a necessidade de análises, que eu diria, menos racionalistas.

Dentro desses contextos (do cotidiano escolar) se faz indispensável, assim, perceber os múltiplos processos educativos contraditórios. Cada aluno/aluna e cada professor/professora que entra no *espaçotempo* escolar carrega consigo a rede de subjetividade que é. Ou melhor dizendo, traz consigo as múltiplas redes nas quais vive, com seus diferentes processos de conhecer e com os vários conhecimentos nelas criados, quer tenhamos ou não olhos para ver, ouvidos para escutar, boca para saborear, nariz para cheirar, pele para tocar essa complexa situação. (ALVES, 2000b, p. 47).

O distanciamento da racionalidade moderna, que tanto marcou a produção teórica contemporânea brasileira em educação, fica mais evidenciado e explicitada a sua dimensão política quando escreve: “Pensando bem, se acreditamos encontrar criação de alternativas no cotidiano, pode ser que as encontremos. Se não acreditamos, nunca as vamos ver, ouvir, sentir, cheirar, tocar”. (ALVES, 2000b, p. 56).

Toda seleção de trechos de autores, como sabemos, é arbitrária, pessoal e intransferível e está relacionada com as conexões que fazemos com a nossa própria rede de conhecimentos como a explicitada acima. Nesse sentido, penso que cabe aqui incluir outras passagens, que considero importantes para melhor conhecermos o processo teórico e pedagógico da Nilda Alves, como é o caso da que segue:

[...] a noção de rede não é algo que se explique por si mesmo. A palavra rede tem muitos sentidos, é polissêmica, ao mesmo tempo em que certos autores usam outros termos para dizer o que nesse trabalho, e em alguns outros, é chamado de rede. Por que então usar essa noção? Ainda uma vez, é o cotidiano que me explica. Todas as vezes que me foi permitido discuti-la, exatamente devido à sua polissemia, foi possível estabelecer um rápido diálogo com cada interlocutor, pois cada um tem uma imagem do que é rede, o que possibilita entrar na rede sobre o que é rede, com muita facilidade. [...] adotar a noção de rede tem permitido uma incorporação imediata de todos com os que falo, em distintas situações. Isto tem permitido que eu parta da dúvida concreta, quase sempre levantada em tom de brincadeira como vimos acima, para dar continuidade à discussão. Ou seja, partir dessa metáfora tem permitido tecer uma rede em torno dela já que todos podem falar algo, expressando-se a partir de algo que tem significado para si. (ALVES, 2000b, p. 69).

Nessa passagem, Nilda vê, ouve e reconhece o que é dito pelo seu interlocutor e/ou interlocutora. Esse é um princípio pedagógico clássico, que foi sendo abandonado ao longo da história quando o direito à fala e ao “ensinar” foi construído como sendo prerrogativa do especialista, da autoridade, do mestre, do professor. O processo de desconstrução dessa “verdade” e poder pode ser localizado em vários autores conhecidos e sujeitos anônimos que se rebelaram contra isso, principalmente, nos anos 1960.

Creio que meus alunos e orientandos, ao longo desses anos, reconhecem facilmente na passagem acima, a influência da Nilda nas minhas práticas pedagógicas cotidianas. Influência essa que se aproxima e dialoga com a influência freireana. Nessa mesma passagem, Nilda aproxima a noção de rede da de rizoma, sem explicitá-la, o que fará mais adiante:

[...] por duas vezes usei a metáfora “rizoma”, termo encontrado em Deleuze e Guattari (1995), bastante interessante sem dúvida nenhuma e por isso bastante tentador, como comprova Gallo (1999), mas tive problema com esse uso; “Rizo... o quê?” “O que é isso?”, “Como você disse mesmo que esses autores chamam esse cruzar e descruzar de conhecimento?”. Essa foi outra razão: a rede permite um diálogo imediato sem dificuldade de termo ou expressão. (ALVES, 2000b, p. 70).

Não resta dúvida que Nilda quer ser entendida pelos seus interlocutores, principalmente por aqueles e aquelas que se situam na condição de alunos e alunas, muitos deles professores e professoras do ensino fundamental e médio e pesquisadores e pesquisadoras iniciantes.

Mas ela também quer ser entendida, por aqueles e aquelas que do alto de suas posições acadêmicas e do capital simbólico de suas instituições consideram-se sem tempo para perder com o cotidiano escolar e com a rede de conhecimentos dos anônimos e anônimas. Essas observações têm o intuito de evidenciar a dimensão política da e na vida cotidiana das opções e elaborações teóricas da Nilda. Diz ela:

[...] *redes* para mim, existem e só podem ser pesquisadas nos processos cotidianos do viver. São, pois, formados nos processos múltiplos e diferentes dentro das inúmeras relações em que os sujeitos todos, em seus contatos cotidianos, tecem, destecem e tecem outra vez, no *espaçotempo* do aqui e agora. (ALVES, 2000b, p. 77).

A importância dos interlocutores e interlocutoras anônimos na produção teórica de Nilda se faz sentir na leitura dos seus textos e particularmente na tese apresentada na Uerj. Talvez seja por isso que seus leitores e leitoras se identificam tão fortemente com o que ela escreve. Afirmando isso tendo como referência os testemunhos dos meus alunos e alunas.

Mas seu trabalho é também pautado numa gama enorme de autores, que a tese apresentada na Uerj enfatiza. A influência dos autores franceses é evidente e se concretiza com a presença de Certeau, Bourdieu, Deleuze e Guattari, Foucault, Chartier, etc. O recurso a esses autores me parece um “retorno a algumas fontes”, ou seja: Nilda viveu em Paris no período em que esses autores produziram alguns dos seus trabalhos seminais e é bem provável que teve acesso a eles e aos debates que essas obras provocaram na França. Por outro lado, ela mantém com esse país sólida relação profissional, cultural e pessoal.

Até o momento, desconheço qualquer texto em que ela explicita as relações que teve com esses autores, obras e debates que presenciou e /ou participou no período do seu doutoramento em Paris ou ainda sobre os motivos pelos quais eles não adentraram o seu trabalho em momentos anteriores (como por exemplo no período em que a conheci).

Nas inúmeras conversas que tivemos ao longo desses anos, lembro-me dos seus comentários sobre Marguerite Yourcenar, Camille Claudel ou Robert Doisneau (para me ater aos nomes citados por ela na referida tese).

Lembro-me também dos comentários e sugestões de leitura da obra de Lefebvre, Prigogine ou Norbert Elias (novamente me atendo aos autores citados na tese).

Não faltam na tese (e nas nossas conversas) referências a Jorge Luis Borges, Clarice Lispector, Boaventura de Sousa Santos e Milton Santos. Estão lá também Jorge Larossa, Silvio Gallo, Tomaz Tadeu da Silva, Luiz Carlos Manhães entre tantos outros.

Essa grande diversidade de autores a que Nilda recorre, ela explicita, com apoio em Bourdieu, dizendo que:

Meus companheiros (autores), neste trabalho, vão aparecendo, assim, à medida que deles tenho necessidade, ou seja, quando por mim mesma, se é que isto existe com as tantas redes que trançei antes e que me permitem certa autonomia de pensamento não são suficientes para explicar, exigindo que novas redes sejam trançadas. Nestes “trançares” é óbvio, está sempre posto o convite aos possíveis leitores/leitoras para também se enredarem. (ALVES, 2000b, p. 19).

A tese que a Nilda apresentou na Uerj provoca várias indagações, que podem servir de indicativos para pesquisas futuras. Seria interessante observar como se dá a recepção de seu trabalho na França, já que com raríssimas exceções a produção acadêmica contemporânea sobre educação naquele país passa ao largo (quando não ignora) dos autores citados por ela.

A presença dos interlocutores e interlocutoras anônimos, dos teóricos franceses, de clássicos da literatura e das artes em geral e o compromisso sempre enfatizado e renovado com a educação escolar é contundente na produção teórica relacionada com a noção de rede de conhecimentos. Mas no conjunto da obra, outros elementos, menos concretos, também se evidenciam e gostaria de destacar, por exemplo, o estímulo que seus textos provocam.

Iniciei a escrita desse artigo com um subtítulo no qual enfatizava as releituras da noção de rede de conhecimentos. Na primeira revisão que fiz percebi que não se tratava de releituras “da”, mas sim de releituras “com a” noção de rede de conhecimentos. Isso por que a noção de rede como Nilda a elabora nos permite ler a (nossa) vida como um texto em permanente reelaboração de escrita e de leitura. Permite também entender esse texto que é a (nossa) vida cotidiana como pontos, elementos, traduções e/ ou expressões da história social, cultural e política.

Encontro aqui uma das conexões do pensamento pedagógico e político de Nilda Alves com o de Paulo Freire. Conexões essas que marcaram, como tatuagens, a educação contemporânea. Por serem belas, artísticas, engajadas e fora do padrão essas tatuagens são cada vez mais necessárias e visíveis .

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. *Trajetórias e redes na formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- _____. Tecer o conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 11-20.
- _____; GARCIA, Regina Leite. (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. Pensar a formação de professores ou sobre mundos em redes. In: SOUZA, Donaldo Bello; FERREIRA, Rodolfo. (Orgs.). *Bacharel ou professor? O processo de reestruturação dos cursos de formação de professores no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000a. p. 69-82.
- _____. *A aula: redes de práticas. Os processos cotidianos de aprender e ensinar*. Rio de Janeiro, 2000b. [Tese apresentada para o concurso de professor titular na Uerj]
- _____. Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares. *Educar em Revista*, v. 17, p. 53-62, 2001a.
- _____. Decifrando o pergaminho: os cotidianos nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 13-38, 2001b.
- _____; OLIVEIRA, Inês Barbosa. (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. Sobre redes de conhecimentos e currículos em redes. *Revista de Educação AEC*, v. 1, n. 122, p. 94-107, 2002a.
- _____. Tecer conhecimento em rede. *A Página da Educação*, v. 1, p. 38, 2002b.
- _____. Imagens de professoras e redes cotidianas de conhecimento. *Educar em Revista*, v. 1, n. 24, p. 19-36, 2004.
- _____; OLIVEIRA, Inês Barbosa. A pesquisa e a criação de conhecimentos na pós-graduação em educação no Brasil: conversas com Maria Célia Moraes e Acácia Kuenzer. *Educação e Sociedade*, v. 27, p. 577-599, 2006.
- _____. Redes educativas *dentrofora* das escolas. In: SANTOS, Lucíola. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a. p. 1-49.
- _____. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. *Educação e Sociedade*, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, 2010b.
- _____; SOARES, Maria da Conceição Silva. Cultura, cinema e redes de conhecimento. In: PASSOS, Mailsa Carla Pinto; RIBES, Rita. (Orgs.). *Educação: experiência estética*. Rio de Janeiro: Nau, 2011. p. 89-104.
- FREIRE, Paulo. *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- REIGOTA, Marcos. Affects, environmental education and politics: meetings with Nita and Paulo Freire. *The International Journal of Critical Pedagogy*. No prelo.
- _____. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SANTOS, Wladimir; VANUCCHI, Aldo; FREIRE, Paulo. *Paulo Freire ao vivo*. São Paulo: Loyola, 1983.
- SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1983.

RESUMO

O texto evidencia o contexto cultural, político e acadêmico em que Nilda Alves elabora e torna pública a noção de rede de conhecimentos. Início com uma narrativa sobre minhas experiências pedagógicas, políticas e culturais durante a ditadura militar em São Paulo antes do primeiro encontro com Nilda Alves quando fui seu aluno na Universidade Federal Fluminense (UFF), no verão de 1983. Ênfase as bases teóricas que Nilda Alves utiliza a partir do final dos anos 1990, assim como o seu empenho e compromisso político em tornar o cotidiano escolar um dos temas fundamentais das pesquisas e dos debates contemporâneos sobre educação.

Palavras-chave: Nilda Alves; Rede de conhecimentos; Cotidiano escolar.

ONCE UPON A SUMMERTIME: REREADINGS WITH KNOWLEDGE'S NETWORK BY NILDA ALVES.

ABSTRACT

This paper explores the cultural, political and academic contexts within which Nilda Alves developed and disclosed the knowledge network concept. I begin with a description of my own pedagogical, political and cultural experiences in São Paulo under Brazil's military dictatorship, before our first meeting in the summer of 1983 when she was my professor at Fluminense Federal University (UFF). I stress the theoretical bases that she used from the late 1990s onwards, as well as her efforts and political commitment to making school routines into one of the key topics for contemporary research and discussions on education.

Keywords: Nilda Alves; Knowledge network; School routines.

*Recebido em: agosto de 2012
Aprovado em: setembro de 2012*

